

ANÁLISES

A imprensa pode assumir um papel fundamental para impedir a matança ao adotar uma nomenclatura alternativa para a doença desde já

EVELINE BAPTISTELLA · 22 de agosto de 2022 · 1 anos atrás

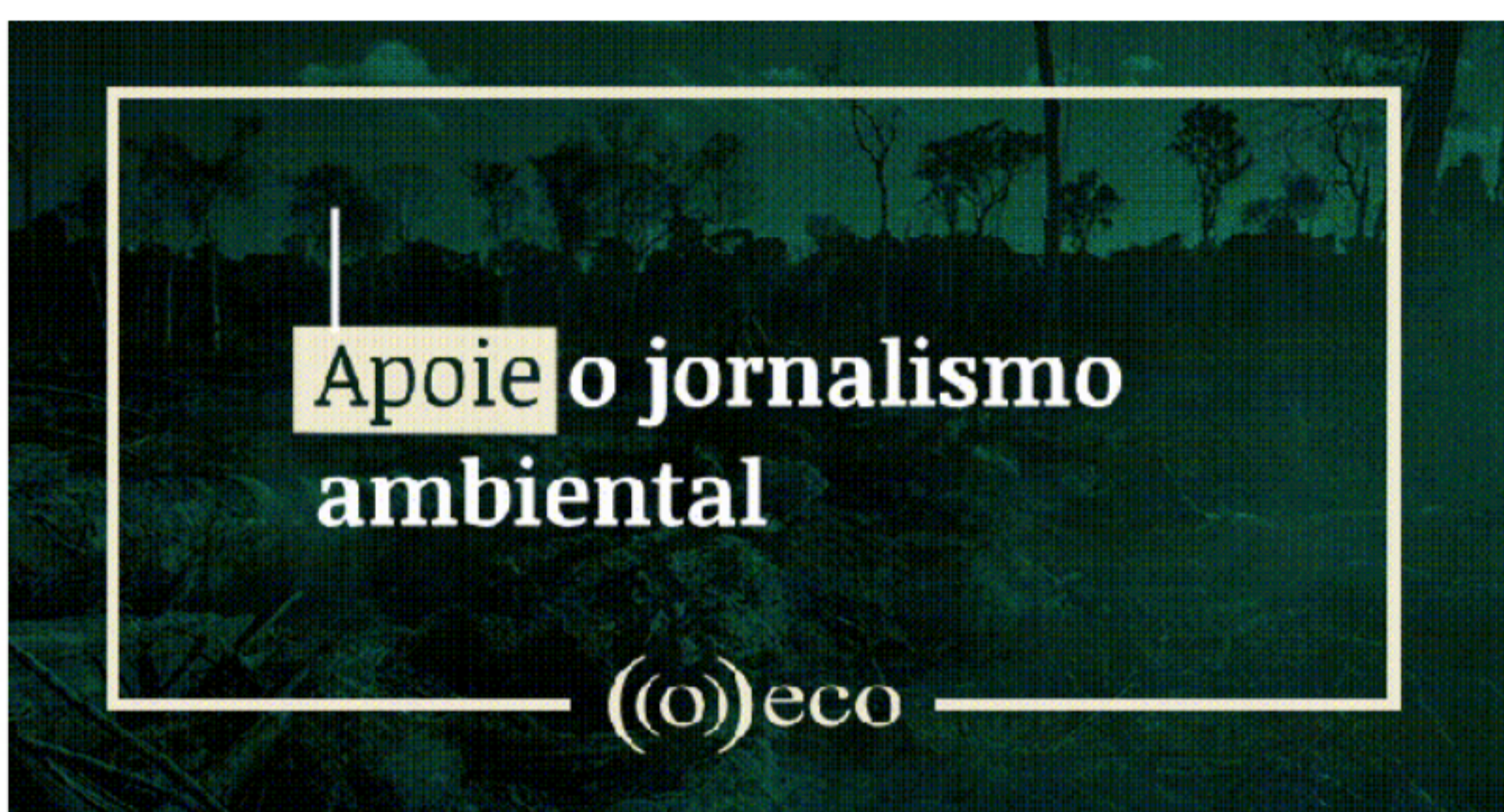


Os jornais podem ajudar evitar a matança dos macacos. Foto: Pixabay.

conservação primatas variola dos macacos

Desafiando algumas regras do texto jornalístico, vamos começar pela "notícia velha". Entre 2016 e 2017, o Brasil viveu um surto de febre amarela. O primeiro alerta veio a partir da morte de macacos contaminados. Naquele momento, foram raros os jornalistas que se preocuparam com o impacto que as notícias poderiam ter para os símios. Se ninguém falava que eles eram perigosos para os humanos, também não havia esclarecimentos a respeito do seu papel no ciclo do vírus. Em pouco tempo, surgia uma nova pauta: macacos sendo assassinados no país inteiro. Mortes que eram fruto do medo, da ignorância e, principalmente, de uma cultura especista – ou seja, uma cultura em que o direito à vida das outras espécies é constantemente desconsiderado.

Mas a imprensa reagiu rapidamente. Em todo o país, foram publicadas reportagens sobre o verdadeiro papel dos macacos naquela situação. Vimos ascender o termo "anjo da guarda" em relação aos animais. As mortes cessaram. Essa é só uma pequena amostra do poder que temos como jornalistas. Uma notícia bem-intencionada, mas ainda assim mal contextualizada, pode levar a inúmeras mortes. Em 2017, o caso atingiu tal gravidade que o Ministério do Meio Ambiente precisou emitir um comunicado sobre o risco de extinção de algumas espécies de macacos devido à violência humana.



Por outro lado, nosso trabalho pode salvar incontáveis vidas. Agora, o desafio chama-se variola dos macacos. Como pesquisadora, venho analisando a cobertura da imprensa sobre o caso a partir do prisma dos direitos dos animais. Muita coisa mudou para melhor. No projeto de pesquisa em que estudei a representação dos animais na imprensa brasileira, encontrei uma grande quantidade de matérias que contextualizam o papel dos animais no ciclo do vírus e alertam para que eles não sejam maltratados. É um avanço animador: mostra que o compromisso ético dos jornalistas com as demais espécies vem crescendo.

Ainda assim, a chegada da doença no Brasil reacendeu a violência contra os animais não-humanos. Em diversas cidades, macacos estão sendo mortos de forma cruel por causa do surto. Dessa vez, é o Ministério da Saúde que emite apelo para que as pessoas não matem os símios. Comprovando uma falsa analogia. A doença foi identificada, ainda em 1950, quando um grupo de macacos mantidos como cobaias foi infectado pelo vírus. Daí o termo varíola dos macacos.

A urgência em mudar a nomenclatura é real. Tanto que a Organização Mundial de Saúde abriu duas consultas – uma entre especialistas e outra pública – para renomear a doença. A imprensa, no entanto, pode assumir um papel fundamental para impedir a matança ao adotar uma nomenclatura alternativa para a doença desde já. Inúmeras organizações de direitos vidas, enquanto o trabalho da OMS não é concluído. Especialmente se for acompanhada de textos que tragam sempre a correta contextualização da doença e orientações sobre o direito dos animais à vida.



Bugia morto a tiros em Manhuaçu, Minas Gerais. Confundidos como causadores da febre amarela, muitos primatas são assassinados durante surto de febre amarela. Foto: Portal Caparaó/Facebook.

surto de febre amarela. Foto: Portal Caparaó/Facebook.

Se parece pouco ou ineficiente, gostaria de fazer mais uma volta ao passado. Durante décadas, a toxoplasmose foi denominada "doença do gato". Estudando as coberturas de surtos da doença, foi possível identificar que, logo após a divulgação na imprensa, surgia um rastro de gatos mortos e abandonados. Como, durante muito tempo, o abandono e os maus tratos de animais domésticos, principalmente em situação de rua, recebiam pouca atenção da sociedade em geral, a nomenclatura perdurou por décadas. Mas a união entre especialistas da área de saúde, protetores dos animais e jornalistas virou o jogo: dia após dia, a denominação foi sendo substituída na mídia pelo verdadeiro nome da doença, toxoplasmose.

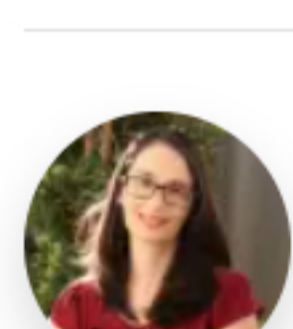
Essa mudança foi benéfica não apenas para os gatos. Nomenclaturas equivocadas associadas a textos que não contextualizam corretamente as doenças também matam humanos. No caso da toxoplasmose, o senso comum associava a infecção aos felinos de tal maneira que pouco se observava os principais fatores para evitar a disseminação do protozoário – entre eles consumir alimentos higienizados e bem cozidos. O saldo era negativo para todas as espécies.

Mesmo vivendo num cenário em que a velocidade da produção de notícias é cada vez maior, os assassinatos desses animais também são um lembrete para as responsabilidades da nossa profissão. Pensar sempre qual impacto nossas notícias poderão ter na vida de todos – inclusive das outras espécies – é essencial. Questionar velhos conceitos, como nomenclaturas especistas, e se lembrar, sempre, da importância de aprofundar e contextualizar os temas pode virar o jogo. O jornalismo tem o poder de mudar a cultura e a cultura muda o mundo. Sabendo que os casos de zoonoses só tendem a aumentar num planeta em plena crise ambiental, que nosso trabalho possa ser uma fonte de informação e esclarecimento, contribuindo para um futuro de justiça para todas as espécies.

As opiniões e informações publicadas nas sessões de colunas e análises são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente representam a opinião do site (o)eco. Buscamos nestes espaços garantir um debate diverso e frutífero sobre conservação ambiental.

Tweet Share

Comentários



Eveline Baptistella Pesquisadora e professora de jornalismo na Universidade do Estado de Mato Grosso. →

Apoie o jornalismo ambiental. Campanha de financiamento coletivo (o)eco

Colabore

Campanha de financiamento coletivo

Colabore

Leia também



ANÁLISES 28 de maio de 2019

A comunicação das mudanças no clima: finaldo um avanço

Na Inglaterra, BBC e The Guardian mudam linha editorial e passam a adotar expressões mais apropriadas cientificamente para tratar do tema, como "emergência climática" e "colapso climático" →

CRISTIANE FRIZIBISZKI

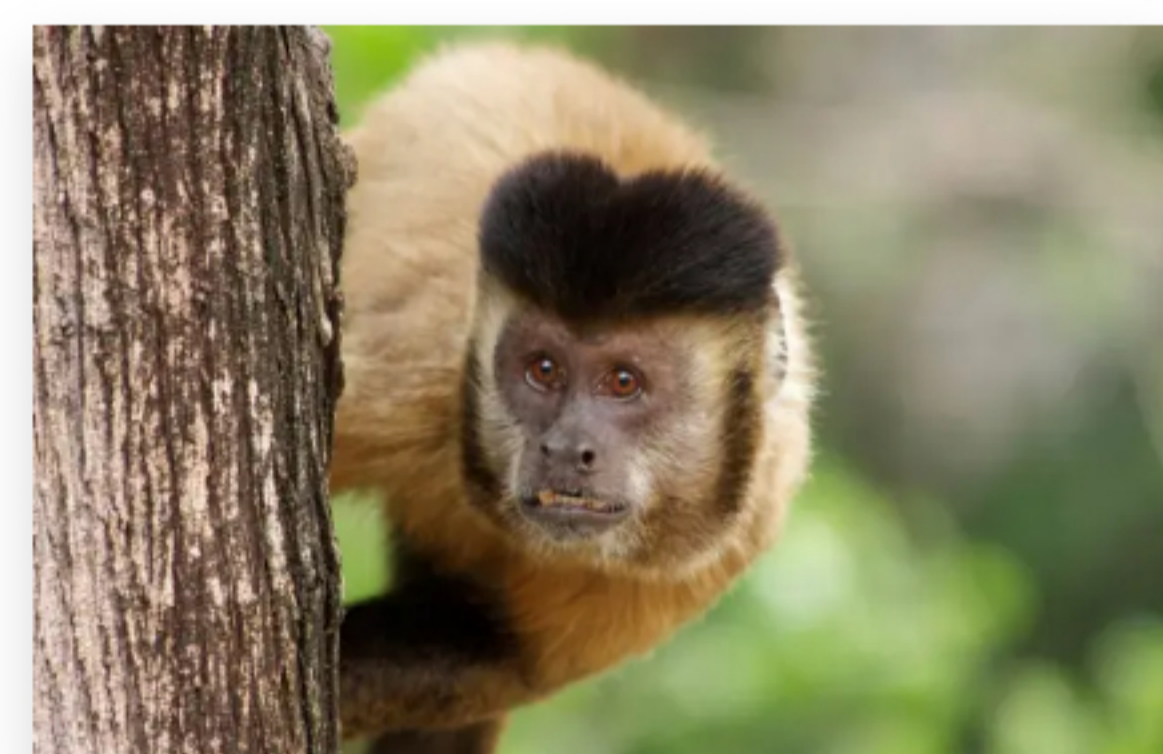


NOTÍCIAS 25 de janeiro de 2018

Noventa macacos foram assassinados este ano no estado do Rio

Especialistas consideram que a matança ocorre porque há um boato que eles transmitem a febre amarela. Ao todo, 131 primatas faleceram este ano →

DANIELE BRAGAÇA



NOTÍCIAS 9 de junho de 2022

Apesar do nome, transmissão de "variola dos macacos" não está associada a primatas

Esclarecimento foi dado pela Sociedade Brasileira de Primatologia e reforça que doença, que teve seu 1º caso confirmado no Brasil, tem sido transmitida entre pessoas e não por macacos →

DUDA MENEGASSI

Mais de (o)eco

Primatas

NOTÍCIAS Como observar primatas de forma responsável

REPORTAGENS Corrida contra o tempo para conhecer (e proteger) o micro-leão-cacicara indígena e pesquisadores unem forças e trocam saberes pela conservação de primatas

PODCAST Bichos, plantas e histórias que não contaram para você | Episódio 5 | Os Sem Floresta

Conservação

REPORTAGENS Órgãos ambientais federais não aceitam o comércio de araras brasileiras ameaçadas

COLUNAS Desenvolvimento sustentável: afinal, o que é isso? Rios e grandes rios ganham acordo global de conservação

COLUNAS A influência cultural do paisagismo na preservação dos remanescentes nativos

Ibama

NOTÍCIAS Brasil pedirá carcaças das araras-azuis-de-lear traficadas que teriam morrido em Bangladesh

SALDAVERDE Ibama enfrenta multa contra Bolsonaro por SALDAVERDE Ibama publica resultado de concurso público

SALDAVERDE Licenciamento de Belo Sun é de competência do Ibama, decide TRF1

Ar Livre

NOTÍCIAS O feitiço de Marrocos

NOTÍCIAS Morte em Yosemite

NOTÍCIAS Notícias Cicloturismo

Deixe uma resposta. Escreva um Comentário. Enviar

Quem somos

(o)eco é um veículo de jornalismo sem fins lucrativos fundado em 2004 que se dedica a documentar os desafios, retrocessos e avanços dos temas relacionados à conservação da natureza, biodiversidade e política ambiental no Brasil. Queremos dar voz a bichos e plantas, através daqueles que se interessam em protegê-los.

